

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Veja Class.: AM- militares  
 Data 26.04.89 Pg.: 54 31

### ÍNDIOS

## Tese selvagem

*Leônidas ataca a tribo no Dia do Índio*

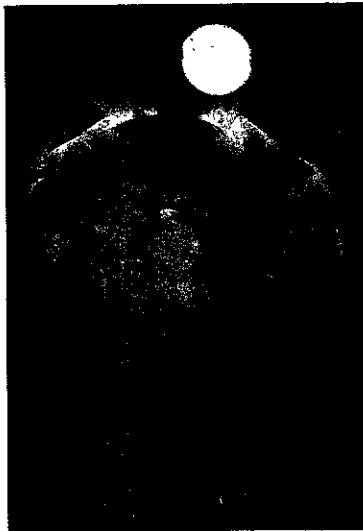
O ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, transformou, na semana passada, a tribuna da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados numa máquina do tempo que o fez retroceder pelo menos dois séculos na história da evolução do pensamento civilizado. Falando aos membros da comissão, o ministro valeu-se de um arsenal teórico pré-iluminista. “A cultura indígena é baixíssima e não é respeitável”, disse o general Leônidas. Em 1771, Martins Mello de Castro, ministro

“Dos 220 000 indígenas brasileiros, 30 000 são selvagens e o resto são atores que apenas se travestem, porque na verdade não gostam da vida limitada que o índio leva”, disse o ministro. “Eles gostam de usar jeans, relógios Seiko e assistir TV Panasonic.”

**TRIBO SEM FUTURO** — Não é preciso ser índio para gostar de jeans e televisores — o próprio ministro valeu-se, na palestra que proferiu em Brasília, de um tipo de equipamento eletrônico usado para realçar pontos específicos nas projeções de slides. O discurso de Leônidas, obviamente, fez chover retaliações dos selvagens e seus representantes. “As declarações foram lamentáveis, vergonhosas e preconceituosas”, acusou, previsivelmente, a nota oficial do Conselho Indigenista Missionário, o Cimi. “Suas concepções são inaceitáveis para quem ocupa tal cargo.” A ordem do Dia do Índio do ministro cerrou fogo também no cantor Sting e no cacique Raoni, que se transformaram numa espécie de embaixadores itinerantes da questão indígena brasileira. “São atores cumprindo o seu papel, com vantagens econômicas para os dois lados.” Outro índio que ensaia também vôos internacionais, David Yanomami, ficou na mira do ministro. “Ele está fazendo charminho para conseguir seus objetivos”, disse Leônidas.

Nas teses substanciais que expôs, porém, o ministro deu opiniões sensatas — que podem perfeitamente ser

partilhadas por pessoas sem preconceito algum. “Os índios não deveriam ficar confinados nas reservas demarcadas pelo Estado”, disse Leônidas. “Seria melhor torná-los brasileiros.” Não é razoável, de fato, negar cidadania aos índios ou exigir que eles se perpetuem em ilhas paleolíticas na selva, quando seus irmãos da raça branca empreendem, por exemplo, uma corrida espacial que vai levá-los aos planetas e às estrelas. O ministro escorregou, na verdade, ao não reconhecer nos indígenas a dose de sabedoria humana que toda cultura produz. Se tivesse tido vivência real na selva, talvez Leônidas pudesse ter escutado um comentário tão sábio quanto o que o indigenista Cláudio Villas Boas ouviu de um cacique do Xingu na década de 40. Villas Boas relatou ao cacique a guerra de conquista que os nazistas empreendiam na Europa, invadindo países vizinhos e quebrando tratados de não agressão. O cacique ouviu atentamente e comentou: “Essa tribo não tem muito futuro”.



Leônidas, seu aparelho eletrônico e David Yanomami: fogo cruzado

português de Ultramar, enviou uma carta ao capitão-geral e governador da capitania de Goiás em que revelava uma posição mais avançada do que a de Leônidas. “As dificuldades na redução dos atritos (entre brancos e índios) e no estabelecimento da civilidade provêm mais da nossa barbaridade do que da dos índios”, escreveu Mello de Castro.

Há mais de meio século os ocidentais aprenderam, com pensadores como o francês Claude Lévi-Strauss e a americana Margaret Mead, que, quando se trata de etnias, é pouco enriquecedor intelectualmente falar em culturas “baixíssimas” ou “pouco respeitáveis”. Sejam as culturas geradas nas academias de Paris ou nas comunidades autóctones da Austrália, elas trazem contribuições específicas para o patrimônio comum da humanidade. Os índios poderiam achar baixa e pouco respeitável a guerra atômica, a poluição e os engarrafamentos de trânsito das grandes cidades.

FOTOS ARI LAGO